

Editorial

E eu não aguento a resignação.
Ah, como devoro com fome e prazer a revolta.
Clarice Lispector, *Todas as crônicas*

O silenciamento contra as mulheres tem sido, no mais das vezes, uma prática universal. Ou melhor, tem sido uma política de silenciamento geral e generalizada. Como todas as violências sistêmicas mundializadas, as violências contra as mulheres não se inscrevem apenas no Estado e em sua intrincada e obscura malha institucional. Para que se cristalizem no Estado, essas práticas proliferam e se consolidam no cotidiano, nos mínimos gestos, a qualquer momento. Não é necessária, porém, uma adesão confessa a esse silenciamento (tal qual todas as violências sistêmicas), pois basta, para sua preservação, a condescendência, a complacência educada, a displicência no olhar. Basta não saber – quando saber é um gesto político.

Simplemente: não podemos não saber do esquecimento das mulheres, de nenhuma, e, como neste número de *Tensões Mundiais*, daquelas que participam com insubmissão e rigor dos nossos ofícios – em especial quando nossos ofícios são do conhecimento (em especial, mas não só). Assim como não podemos não saber dos genocídios, dos racismos, das guerras aos pobres, às populações originárias, aos dissidentes de qualquer ordem... e assim por diante. A *Revista Tensões Mundiais* afirma-se, sem meias palavras, contra essas violências. Não como uma questão apenas acadêmica, mas como uma questão acadêmica de luta política e de explícito posicionamento: não aceitamos nada disso, nem por omissão, muito menos por descuido.

Pois bem, não se trata aqui de vagas e longínquas ideias. Mulheres somos silenciadas, de fato, na história dos saberes (os ocidentais com certeza; as Ciências Sociais com certeza), e ainda hoje, por meio de diversos (e tantas vezes tristemente legitimados) protocolos de subalternização. Mas tampouco se trata de justiça. Já temos juízes e juízos demais. Aqui, pensamos com mulheres que têm a nos dizer sobre suas vívidas rebeldias, que têm a nos ensinar sobre suas desobediências, mas que, e não menos, têm a contribuir com as questões que estudamos e publicamos em *Tensões Mundiais*.

Subvertendo, então, o silenciamento e o esquecimento, em cada texto desenha-se um limiar, uma sutil abertura para o quase indizível de um saber, as Ciências Sociais, já tão estabelecido. As imagens que compõem esta edição anunciam esses limiares: dão às palavras uma outra textualidade, tão bela quanto contundente. Porque há sempre o que escapa e interessa, e não conseguimos dizer em palavras. Há uma urgência sem concessões nas imagens de Merremii Karão Jaguaribara. Ela também assina, junto a Rhuan Carlos Lopes, o artigo que abre esta edição. Taowás do povo Karão Jaguaribaras, seus grafismos, entretecem conexões entre mundos. A arte de um povo não esquecido desenha-se em sua vivacidade nas linhas com que a autora e o autor a apresentam, imagem, voz e memória que nos afetam em sua beleza irreduzível.

Irreduzível assim, Victoria Santa Cruz aparece no artigo de Lia Pinheiro Barbosa, desenhando, desta vez, uma estética negra antirracista, ao uníssono poética e política. Com a autora deste texto pensamos uma teoria social latino-americana livre de rompantes regionalistas, numa dimensão ontoepistêmica com a qual a entendemos atual e urgente. Tecendo mundos com Victoria Santa Cruz, encontramos, na sequência, o artigo de Bárbara Luisa Pires. Em suas linhas, reconhecemos a importância de Virgínia Bicudo para as Ciências Sociais e a Psicanálise no Brasil, sua cristalina atualidade num país que de tantas maneiras desconhece – quando não diretamente ataca – mulheres negras. Sua contribuição, entretanto, não é apenas circunstancial. Desde os saberes que habitou, Virgínia Bicudo expandiu os mundos. Em seu pioneirismo há tanta coragem quanto rigor, quanto intempestividade: uma pensadora negra, no seu tempo, estava fora do tempo – hoje ainda está, no entanto em ótima companhia. A América Latina reaparece, em sua potencialidade epistêmica, no artigo de Dayse Paixão e Vasconcelos, sobre Vânia Bambirra. Compreender essa dependência que desde as conquistas, os genocídios, os etnocídios, os extrativismos, os colonialismos, os escravagismos, etcétera e etcétera, descreve, mas nunca chega a definir essa América Latina. Nessa guerra de séculos, a obra de Vânia Bambirra atualiza o marxismo abrindo espaços para teorias insubmissas, inconformadas com o que a história oficializa pelo mundo afora.

O marxismo na Teoria da Reprodução Social, de Lise Vogel, escancara a opressão contra as mulheres, que é inseparável da reprodução do capitalismo.

Sobre uma história das tensões entre feministas e marxistas desde a obra de Lise Vogel, e sobre sua atualidade, Ivi Vasconcelos Elias escreve, no quinto artigo desta edição de *Tensões Mundiais*. Na sequência, Ariane Noeremberg Guimarães e Amurabi Pereira de Oliveira pensam as teorias do Sul desde a obra da cientista social australiana Raewyn Connell. Interessa, a Connell, uma teoria social do Sul Global que não busca negar o cânone (temos juízes demais!), mas que questiona sua irretocável primazia. Outras vozes, tão precisas quanto. Outras vozes, que Claudiana Nogueira de Alencar, Sandra Maria Gadelha de Carvalho e Francisca Lusmaia Alves Mangeth encontram em bell hooks. Contra o capitalismo, explicitam-se as opressões de raça, de gênero e de classe – em suas múltiplas nefastas articulações – que lhe são intrínsecas. A atualidade de bell hooks dispensa peripécias narrativas. Mas não custa lembrar.

E se as Ciências Sociais têm sido povoadas por sem-número de mundos (quase) esquecidos, e se hoje os entramados entre esses mundos se intensificam, tudo isso nos diz que nos modernos saberes sobre as sociedades permanecem gestos epistêmicos e metodológicos também insubmissos. A atualidade de Harriet Martineau igualmente dispensa peripécias narrativas. A série de três artigos que aqui apresentamos sobre Martineau mais nos dizem sobre sua incontornável pertinência do que sobre qualquer necessidade, por exemplo, de resgatá-la.

A começar pelo artigo de Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, que há tanto tempo estuda e traduz, e desde 2021 publica, no Brasil, a obra desta também intempestiva pensadora. No seu artigo, Fernanda Alcântara volta a Harriet Martineau junto a Auguste Comte, problematizando o tempo da fundação da Sociologia. As questões compondo este exercício de pensamento desvelam uma história do saber, como tantas outras, marcada por exclusões tão eloquentes quanto suas tão repetidas apologias. É preciso desconfiar dos grandes começos, das histórias muito bem contadas. No caso da Sociologia, com Harriet Martineau, encontramos um limiar que já estava lá, desde o começo do século XIX, alargando os limites muito antes de sua institucionalização. Assim com o artigo de Caroline Sátiro de Holanda que, constatada a sombra androcêntrica sob a qual se repete uma história oficial da Sociologia, encontra em Harriet Martineau uma história outra. Outra, que se desdobra em miríades de outras, no ensaio de Rodrigo Salles Pereira dos Santos. Desta vez, Harriet

Martineau, junto a W.E.B. Du Bois, abre urgentes questões acerca do sexismo e do racismo que irrigam saberes institucionalizados.

E então encerramos este número de *Tensões Mundiais* com um olhar direto sobre o ensino de Sociologia. Seu autor, Cristiano das Neves Bodart, nos apresenta as mulheres que estudam o ensino deste campo de saber; suas contribuições indispensáveis para que práticas de ensino e pesquisa sejam, a um tempo, práticas de insubmissão frente a formalidades excludentes. Celebramos este número de *Tensões Mundiais* como resultado de um bom encontro, entre nós, as editoras, e com as autoras e os autores que com generosidade e tanto cuidado nos brindaram esta coleção viva de questões em aberto, entre mundos. Bom encontro também com a equipe editorial que nos trouxe até vocês, leitoras e leitores que nos leem. Agora seguem vocês, e que as revoltas sejam belas!

Natalia Monzón Montebello

Lia Pinheiro Barbosa

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara

Fortaleza, dezembro de 2024